

Articuladores de relação lógico-semântica, discursivo-argumentativa e de organização textual: descrevendo os padrões de uso de [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí]

Articulators of logical-semantic, discursive-argumentative and textual organization relations: describing the patterns of use of [sendo assim], [fora que] and [(es)pera aí]

Milena Torres de Aguiar¹
Ana Cláudia Machado dos Santos²
Ana Beatriz Arena³

Resumo: Fundamentado nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso em diálogo com a Linguística Textual, este artigo busca descrever alguns padrões funcionais de três microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí], em seus usos como articulador lógico-semântico, articulador discursivo-argumentativo e articulador de organização textual, respectivamente. Tais articuladores participam tanto da articulação textual, no nível microestrutural e intermediário, quanto da promoção dos sentidos em um texto. Numa perspectiva sincrônica, tomamos como base textos escritos e escritos como reprodução de fala do *Corpus* do Português para a análise de nossos dados. Realizamos um estudo prioritariamente qualitativo, descrevendo não só as propriedades de forma e sentido (Croft, 2001) dessas três microconstruções mas também como, atuando como articuladores, estabelecem a conexão das porções textuais (Koch e Elias, 2016). Os resultados apontam que [sendo assim] é um conector com valor semântico de resultado, que, pragmaticamente, apresenta gradiência entre consequência e conclusão; por sua vez, [fora que], ao adicionar o argumento final de uma escala, enfatiza o conteúdo veiculado que funciona como último recurso de convencimento; por fim, [(es)pera aí], como um marcador discursivo, volta-se para a interação entre os interlocutores, auxiliando também na articulação dos enunciados do ato comunicativo.

Palavras-chave: Construção. Articuladores. Linguística Funcional Centrada no Uso. Linguística Textual.

Abstract: Based on the assumptions of Usage-Based Linguistics in dialogue with Textual Linguistics, this article seeks to describe some functional patterns of three microconstructions [sendo assim], [fora que] and [(es)pera aí], in their uses as logical-semantic articulator, discursive-argumentative articulator and textual organization articulator, respectively. Such articulators participate both in the textual articulation, at the microstructural and intermediate level, and in the promotion of meanings in a text. From a synchronic perspective, we took as a basis written and written texts as speech reproduction from the Corpus of Portuguese for the analysis of our data. We conducted a primarily qualitative study, describing not only the properties of form and meaning (Croft, 2001) of these three microconstructions but also how, acting as articulators, they establish the connection of the textual portions (Koch e Elias, 2016). The results indicate that [sendo assim] is a connector with semantic value of result, which, pragmatically, presents radiance between consequence and conclusion; on the other hand, [fora que], by adding the final argument of a scale, emphasizes the content conveyed that works as a last resort of convincing; Finally, [(es)pera aí], as a discursive marker, focuses on the interaction between the interlocutors, also helping in the articulation of the utterances of the communicative act.

Keywords: Construction. Articulators. Usage-Based Linguistics. Textual Linguistics.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Letras. São Gonçalo, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: milenatda@gmail.com.

² Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação lato senso em Língua Portuguesa. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br.

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Letras. São Gonçalo, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: bia.arena@gmail.com.

Introdução

Neste trabalho, baseados nos postulados da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), em diálogo com a Linguística Textual (LT), propomos descrever os padrões funcionais de três microconstruções em uso no Português Contemporâneo: [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí], como exemplos de articuladores de relações lógico-semânticas, discursivo-argumentativas e de organização textual, respectivamente, de acordo com Koch e Elias (2016).

Valendo-nos de textos escritos e escritos como reprodução de fala do *Corpus* do Português, analisamos [sendo assim], um articulador lógico-semântico que opera nos níveis intermediário e microestrutural, no âmbito da causalidade com valor de resultado, e que desliza pragmaticamente da consequência à conclusão; [fora que], um articulador discursivo-argumentativo que atua como operador argumentativo de adição no nível intermediário, conectando períodos intra e interparágrafos, encadeando dois enunciados em que o primeiro é tomado como tema para o segundo, introdutor da orientação argumentativa; e [(es)pera aí], um organizador textual que funciona como marcador discursivo interacional, atuando no nível intermediário ao articular períodos e, assim, promover a coesão, já que retoma o enunciado anterior para dirigir-se, no enunciado seguinte, ao interlocutor.

Nossa hipótese para este estudo, a partir do diálogo entre as duas vertentes teóricas, é a de que [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí], de um lado, comportam-se como elementos atuantes na articulação dos textos, auxiliando a tessitura textual e, de outro, participam da promoção de sentidos, já que auxiliam no encaminhamento de avaliações e pontos de vista inscritos no projeto de texto opinativo do autor.

Por meio da análise em conjunto dessas três microconstruções distintas e considerando as propriedades da forma e do sentido de cada uma (Croft, 2001), buscamos traçar o contínuo entre contextos de uso mais sintáticos, na medida em que conectam o “conteúdo de orações”, e mais discursivos, em que se encadeiam “dois ou mais enunciados distintos”, bem como aqueles em que “operam o amarramento de porções textuais”, recrutados a partir da estratégia de articulação realizada (Koch e Elias, 2016, p.p. 124, 132, 141).

Este artigo está dividido em mais quatro seções além desta introdução. Na primeira, apresentamos a fundamentação teórico-metodológica comum aos três objetos de estudo; na segunda, analisamos os dados das microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] como articuladores textuais que contam com propriedades de forma e sentido particulares. Por último, apresentamos nossas considerações finais e referências.

Fundamentação Teórico-Metodológica

Nossas pesquisas têm como fundamentação teórica um diálogo entre a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e a Linguística Textual (LT), que tem se mostrado bastante profícuo na análise dos constructos que compõem nosso *corpus*. Esse diálogo se pauta,

sobretudo, em nosso interesse de não só atestar os padrões de uso desses elementos de conexão a partir da descrição das propriedades das microconstruções (Croft, 2001), mas principalmente por nos interessar atestar os efeitos de sentido que esses usos geram no texto. Buscar tais efeitos, como temos observado, direcionam a escolha desses conectores como forma de articular partes do texto desde o nível microestrutural até o nível intermediário (Koch e Elias, 2016). Apoiadas nos postulados da LFCU e da LT, procedemos a uma análise sincrônica qualitativa de 50 dados de [sendo assim], 70 de [fora que] e 65 de [(es)pera aí], coletadas nos textos de modalidade escrita ou de escrita como reprodução de fala do *Corpus Now do Corpus do Português*.

Apresentamos brevemente, nesta seção, parte dos postulados abarcados por essas duas correntes teóricas. Aqueles que mais especificamente se relacionam a cada objeto de pesquisa são indicados nas seções de análise.

De acordo com a LFCU, linha de pesquisa fundamentada na interface entre os estudos funcionalistas e cognitivistas, a gramática é compreendida como uma organização cognitiva das experiências dos indivíduos com a língua. Nesse sentido, Furtado da Cunha (2012) afirma que as vertentes funcionalistas e cognitivistas compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como:

[...] a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a concepção de língua como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas, a não distinção entre léxico e sintaxe, a relação estreita entre as estruturas das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural. (Furtado da Cunha, 2012, p. 29)

Seguindo esse ponto de vista, postula-se que as línguas se moldam através da interação de princípios cognitivos e funcionais, que exercem um papel na aquisição da língua, no uso e na mudança linguística. Por ser uma mudança gradual, as categorias e itens linguísticos são variáveis, constituindo um gradiente, e a estrutura linguística é vista como emergente, pois está se moldando em contextos de uso específicos. Assim, a LFCU, uma abordagem centrada no uso para a organização da gramática, percebe a linguagem tanto estruturada como variável. Portanto, nessa vertente a gramática é concebida “como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação” (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 14).

Segundo Croft (2001), a única unidade teórica válida é o conceito de construção linguística. E construções, para o autor, são unidades simbólicas concebidas pelo elo de correspondência entre forma - com suas propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas - e

sentido - com suas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Desse modo, afirma-se que a língua é um inventário de construções a ser analisada não como um objeto autônomo e descolado das pressões de uso das diferentes instâncias comunicativas, mas de forma global, incluindo seus aspectos morfossintáticos, fonológicos, semântico-pragmáticos e discursivo-funcionais, pois todos se influenciam mutuamente.

Com base nesse modelo de Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013) propõem níveis esquemáticos para compreender a trajetória de mudança das construções. Por meio dos construtos, isto é, o uso da construção em determinado contexto, se apreende a sua rede esquemática. Nos níveis mais altos, temos o *esquema*, o *subesquema* e a *microconstrução*, relacionados à frequência *type* – o número de itens diferentes que ocorre nos *slots* (espaços) esquemáticos das construções – e o mais baixo, o *construto*, ligado à frequência *token* – o número de vezes que uma determinada sequência aparece em um texto ou *corpus*. Assim, temos:

a) Esquemas linguísticos: são grupos abstratos, semanticamente gerais de construções, quer procedurais quer de conteúdo. Esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções, tipos específicos de esquemas mais abstratos. Analisamos neste artigo microconstruções que pertencem aos esquemas [Conect]_{Result}, [Conector]_{OA} e [X ADV]_{MD}.

b) Subesquemas: no nível médio, referem-se aos elos polissêmicos que dão conta das ligações semânticas entre o sentido prototípico de uma construção e suas extensões. Acrescentamos que, dependendo do objeto de pesquisa, podem existir mais de um nível médio ou subesquema. O esquema [Conect]_{Result} conta com sete subesquemas, sendo o [VAdv] aquele que abrange a microconstrução [sendo assim]; o esquema [Conector]_{OA} envolve um nível de subesquema [X que]_{CTD}, o qual engloba elementos de conexão textual-discursivos, os OA, cujo *slot* X pode ser ocupado por verbos e advérbios, desdobrando-se em mais cinco subesquemas em um nível mais baixo distribuídos a partir da subparte X, sendo o [X que]_{OAAdição}, aquele que abrange a microconstrução [fora que]; e o esquema [X ADV]_{MD} abrange subesquemas que podem ser preenchidos, no lugar do X, por verbos, preposições, conjunções – como é o caso do verbo *espera* – e no espaço do ADV por locativos variados – como é o caso de *aí*, sendo o [V aí]_{MD}, aquele que abarca a microconstrução [(es)pera aí].

c) Microconstruções: são as construções individuais. Os subesquemas [VAdv]_{Result}, [X que]_{CTD} e [V aí]_{MD} têm suas realizações nas interações verbais, concretizando-se em microconstruções como [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] que atuam como elementos procedurais da gramática, já que sinalizam relações linguísticas, perspectivas e orientação dêiticas (Diewald, 2011).

d) Construtos: são as ocorrências (*tokens*) das microconstruções empiricamente comprovadas; instâncias de uso proferidas por um falante com um propósito comunicativo; é, portanto, o *lôcus* de inovação, mudança e subsequente convencionalização.

Analizamos as microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] no nível do construto por compreendermos que é a partir do uso efetivo em contextos específicos que podemos apreender suas propriedades de forma e sentido.

Ressaltamos que, para Bybee (2010), o primeiro mecanismo que possibilita a formação e o uso de construções é o *chunking*, o qual é acionado por repetição. De acordo com a autora, um *chunk* é uma unidade de organização da memória; assim, se dois ou mais *chunks* menores são usados juntos com algum grau de frequência, um *chunk* maior contendo os menores é formado.

Um ponto importante que precisamos destacar em relação às nossas pesquisas é a dimensão sincrônica a partir da qual compomos nossos *corpora* e analisamos nossos dados. Sobre essa perspectiva, apoiamo-nos em pesquisadores da LFCU, como Rosário e Lopes (2019), para os quais dois pressupostos precisam ser considerados: 1) a mudança linguística envolve uso e cognição; e 2) na mudança estão envolvidos processos de domínio geral (Bybee, 2010). Partindo desses pressupostos, de acordo com os autores, os mecanismos cognitivos que atuam na mudança diacrônica também operam nas variadas atividades em que os falantes se inscrevem em um dado recorte sincrônico. Esse entendimento, ressaltam os autores, não é recente e, assentados na hipótese de Traugott e Trousdale (2010, p. 31), para quem “a gradiência que é atestada sincronicamente advém do resultado de sucessivos micropassos que resultam de uma operação dos bem conhecidos mecanismos de reanálise e analogia”. Rosário e Lopes (2019) defendem o conceito de construcionalidade, compreendido como a relação sincrônica estabelecida entre construções a fim de atestar que uma construção A se relaciona a uma construção B em algum nível. Nesse sentido, os autores postulam quatro diferentes relações que se estabelecem entre duas construções, uma em um nível horizontal, portanto em um mesmo nível hierárquico em que se configura algum grau de parentesco, e as outras três em um sentido vertical, em que uma construção menos esquemática pode ser associada a uma ou mais construções de natureza mais esquemática; portanto, em diferentes níveis de esquematicidade em uma determinada rede construcional.

Dentre as três relações no sentido vertical postuladas, Tipos 1, 2 e 3, destacamos a do Tipo 1 em função de compreendermos que é essa relação que se estabelece com cada uma das microconstruções aqui estudadas em relação ao (sub)esquema ao qual se associam. No Tipo 1, a relação de construcionalidade se dá quando uma Construção B está ligada a uma Construção A em nível superordenado. Essa ligação se configura numa direção Top-Down, uma vez que um nível mais esquemático e abstrato está associado a um nível menos esquemático e concreto. Desse modo, [sendo assim], a construção B, se vincula ao esquema [Conect]_{Result}, a construção

A superordenada; [fora que], a construção B, se liga ao subesquema [X que]_{CTD}, a construção A superordenada e, finalmente, [(es)pera aí], a construção B, se relaciona ao esquema [X ADV]_{MD}, a construção A superordenada.

Nosso objetivo neste artigo é atestar os padrões de uso na sincronia atual do português brasileiro, portanto esse pressuposto teórico preenche uma lacuna de pesquisas sincrônicas como a nossa, tendo em vista que demandam uma base teórica concreta filiada à LFCU. Dessa forma, alinhamo-nos a esse conceito e estamos tratando as microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] como resultados comprovados da mudança gradual que se manifesta na gradiência sincrônica da gramática. Ainda no âmbito da LFCU, outro pressuposto importante para nossa pesquisa é o conceito de (inter)subjetividade. Segundo Traugott (2010), é importante distinguir subjetividade e intersubjetividade, uma vez que a primeira expressa marcas de avaliação do falante, e a segunda expressa marcas da atenção do falante para com o interlocutor. Segundo a autora, em se tratando de subjetivação, os significados são recrutados e orientados a si mesmo, ou seja, codificam-se crença e opinião, e, na ocorrência de intersubjetivação, uma vez subjetivados, os significados são centrados no interlocutor, ou seja, no modo como ele reagirá após a entrega da mensagem. Para nossa pesquisa, a (inter)subjetividade está estreitamente relacionada aos fatores de intencionalidade e aceitabilidade na medida em que o falante está no centro do discurso, dono de seu projeto de texto, e calcula como o seu discurso pode atingir o interlocutor.

Em relação aos pressupostos da LT, um conceito importante para a análise empreendida neste artigo é o que diz respeito ao nível de articulação entre orações, períodos, parágrafos e sequências maiores de texto. Esses níveis são examinados no domínio da coesão sequencial realizada por nossos objetos de estudo, já que contribuem para a compreensão do texto como uma unidade de sentido. De acordo com Koch e Elias (2016, p. 121-123), no primeiro nível, o microestrutural, a conexão é empreendida entre orações e termos de orações; no segundo, o nível intermediário, entre parágrafos e períodos e, no último, o nível global, a articulação se estabelece entre sequências ou partes maiores de texto.

Segundo as autoras, os articuladores textuais são as marcas responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de qualquer extensão e realizam diversas funções, como: 1. promover relações de tipo lógico-semântico, relacionando o conteúdo de duas orações; 2. assinalar relações discursivo-argumentativas, articulando dois ou mais enunciados diferentes, sendo o primeiro tomado como tema do segundo, o qual inicia uma informação nova com um tipo específico de orientação argumentativa; 3. atuar como organizadores textuais, estruturando o texto em uma sucessão de fragmentos que se complementam e orientam a interpretação.

De acordo com Neves (2018), a maior unidade de expressão linguística é o texto, que deve ser considerado sem deixar de lado todo o contexto discursivo em que foi produzido. O texto é um todo coeso, organizado por uma natureza semântica que envolve uma rede de

predicações coerentes ligadas por inúmeros mecanismos de junção e uma rede referencial estruturada internamente. Assim, pode-se dizer, segundo a autora, que o texto se organiza em frases, as quais podem ser compreendidas como “unidades significativas da interação verbal produzidas com um propósito comunicativo definido: declarar, interrogar, ordenar, exclamar” (Neves, 2018, p. 44). As frases são marcadas pela sua força enunciativa, isto é, de acordo com a força que têm no próprio processo de interlocução, a força ilocucionária.

As modalidades de frase correspondem a diferentes atos de fala, os quais são ações realizadas linguisticamente, e a sua descrição tipológica é uma tentativa de categorização dessas ações. Desse modo, um ato de fala é um enunciado linguisticamente funcional para realizar uma ação considerada apropriada a uma situação comunicativa particular. Segundo Neves (2018), as sequências – fragmentos de um tipo textual específico – de um texto são elaboradas linguisticamente para: (i) *narrar*, isto é, relacionar eventos temporalmente – *sequências narrativas*; (ii) *descrever*, isto é, apontar características de elementos – *sequências descritivas*; (iii) *expor/dissertar*, isto é, apresentar por meio de representação de ideias, explicações, avaliações - *sequências expositivas/dissertativas*; (iv) *ordenar, pedir, aconselhar*, isto é, incitar alguma ação ou reação – *sequências injuntivas*. Assim, por exemplo, em: “Preste atenção, porque só vou falar uma vez”, temos dois atos de fala, um injuntivo – *preste atenção* – e um expositivo/dissertativo – *porque só vou falar uma vez* – que explica o primeiro ato de fala de ordem ou pedido, o qual se dirige ao interlocutor buscando uma ação ou reação. Em função da importância das *sequências argumentativas* para as nossas pesquisas, consideramos oportuno acrescentar a definição de Marcuschi (2002), para quem tais sequências fazem a defesa de ideias ou ponto de vista do autor, buscando persuadir o interlocutor, convencê-lo de algo e fazê-lo tomar uma posição; caracteriza-se pela progressão lógica de ideias, utilizando linguagem denotativa e forma verbal no presente do indicativo.

Ademais, neste artigo, coadunamos com Koch (2004, p. 11), para quem existem fenômenos linguísticos diversos que só podem ser compreendidos no interior do texto e, por essa razão, investigamos em nossos dados seis fatores de textualidade propostos pela LT – e na seção de *Análise* os explicamos de forma mais conectada aos nossos objetos – por entendermos que o texto precisa ser apreendido em toda a sua complexidade. Desse modo, os fatores de coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e situacionalidade podem ser observados a partir das propriedades da construção sistematizadas por Croft (2001), principalmente as sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Sobre tais fatores de textualidade, Beaugrand e Dressler (1981) destacam que coesão e coerência são centradas no texto, enquanto informatividade, situacionalidade, intencionalidade e aceitabilidade são centradas no usuário.

A noção de focalização também é cara aos estudos do texto principalmente quando temos em conta elementos de conexão, uma vez que esses elementos atuam como

focalizadores de informações no texto. A focalização de informações está associada à noção de relevo (Travaglia, 1999, p.p. 77-81); assim, o falante vale-se do relevo para (i) destacar elementos específicos dentro do texto em relação a outros (relevo positivo); e (ii) ocultar ou rebaixar certos elementos em relação a outros (relevo negativo). Destacamos mais detidamente a função de relevo positivo por recobrir papéis mais específicos dos nossos objetos de pesquisa como: ênfase, intensificação, marcação de um valor especial, estabelecimento de contraste, reforço de um argumento, marcação de foco informacional, entre outros. Esses papéis podem ser realizados por diferentes recursos linguísticos (aspectos fônicos, itens lexicais, elementos morfológicos, estruturação sintática, parênteses, recursos expletivos), inclusive por [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí].

Findada a apresentação dos fundamentos teórico-metodológicos de que nos valem, na próxima seção, procedemos à análise das microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí].

Análise de dados: os articuladores [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí]

Nesta seção, por meio de nossos objetos de pesquisa, elucidamos os três tipos de articuladores textuais propostos por Koch e Elias (2016): os que promovem relações lógico-semânticas, exemplificado com [sendo assim]; os que sinalizam relações discursivo-argumentativas, com [fora que]; e aqueles que funcionam como organizadores textuais, com [(es)pera aí], descrevendo suas propriedades de forma e sentido segundo Croft (2001).

Esclarecemos que os grifos em todos os dados desta seção são nossos.

1.[sendo assim] – articulador lógico-semântico na expressão de resultado

A expressão do valor semântico de resultado em língua portuguesa pode se dar por meio de diferentes recursos linguísticos, desde os já consagrados pela tradição gramatical, como *logo*, *portanto*, *por isso*, *que*, *de modo que* etc., conforme ilustram os compêndios normativos, até os que são menos reconhecidos nestas obras, como *então* e *assim*. Em face de não ser alvo de qualquer estudo linguístico, *sendo assim*, na qualidade de microconstrução, desperta nosso interesse e, por isso, voltamos nosso olhar para este conector na primeira parte desta seção.

A microconstrução [sendo assim] diferencia-se da locução adverbial *sendo assim* porque aquela, ao articular diferentes porções textuais, apresenta maior grau de opacidade de seus componentes, isto é, *sendo* não tem mais todas as suas propriedades verbais e *assim* também não conta mais com todos os seus traços de advérbio, embora ambos guardem vestígios de suas funções canônicas. Ademais, na função conectora, *sendo* e *assim* formam um *chunk*, num pareamento forma-sentido, veiculando valores sintático-semânticos e pragmático-discursivos que deslizam desde uma consequência real até uma conclusão, podendo ainda introduzir um novo ato de fala.

Nesta subseção, voltamos nossa atenção para o uso de [sendo assim] como um articulador lógico-semântico e, para tal, recorremos aos pressupostos de Koch e Elias (2016). Como nosso objeto de estudo opera no âmbito da causalidade, recorremos também aos estudos sobre construções causais de Neves (2000), para quem causalidade se dá quando as relações se estabelecem seja entre *predicações* – “conexão *causa-consequência* ou *causa-efeito* entre dois eventos”, seja “entre *proposições*”, isto é, entre fatos possíveis, que passam pela avaliação do falante (Neves, 2000, p. 804-805). Para nossos propósitos, promovemos, ainda, um diálogo entre Neves e Sweetser (1990), visto que as noções sobre predicações e proposições da primeira nos levam aos postulados da segunda sobre ambiguidade pragmática. Sweetser defende que a causalidade pode se dar em três domínios: conteúdo, epistêmico e ato de fala. Essa articulação entre as propostas das duas linguistas justifica-se pelo fato de que, em nossos dados, a microconstrução [sendo assim] apresenta-se como um articulador lógico-semântico, cujo valor de resultado desliza pragmaticamente de consequência (domínio do conteúdo) a conclusão (domínio epistêmico). Sobre o domínio do ato de fala, embora tenhamos dados nesse caso, não os abordamos neste trabalho.

Formamos o *corpus* de análise a partir da base de dados NOW do *Corpus* do Português, a qual se caracteriza por ter como fonte apenas textos do domínio jornalístico. Desse modo, observamos que, nesses contextos linguísticos, a microconstrução ganhou restrições de uso, que o verbo e o advérbio não têm: por exemplo, predomina em artigos de opinião ou textos de cunho opinativo; articula, em maioria, períodos, mas conecta também parágrafos e orações; e tem o que mais marcadamente caracteriza [sendo assim] como um pareamento forma-sentido, e não mais uma sequência fortuita de verbo e advérbio: posição fixa no início da oração que introduz, o que aproxima esse conector das conjunções canônicas, sendo esta posição, talvez, um dos traços mais distintivos destas.

Neste artigo, trazemos dois dados para análise, a fim de descrevermos os padrões de uso mais recorrentes de [sendo assim] como articulador lógico-semântico de resultado. Para isso, concentramo-nos nas propriedades da forma (morfossintáticas) e da função (semânticas, pragmáticas e discursivas). Esperamos, com esse arcabouço analítico, demonstrar que a microconstrução [sendo assim] é um novo *type* na rede construcional [Conect]_{Result} da língua portuguesa. Essa ligação se dá por meio de uma direção top-down em que um nível mais esquemático e abstrato – [Conect]_{Result} – está associado a um nível menos esquemático e concreto – [sendo assim].

Passamos, a seguir, à análise dos dados.

(1) A Justiça negou no último dia 17 de janeiro, o pedido de prisão de Tiago e Willian, acusados pela morte de Wesner, que morreu 11 dias após uma agressão com uma mangueira de alta pressão em uma lava jato em Campo

Grande. #⁴ De acordo com o juiz Carlos Alberto Garcete de Almeida, da 1ª Vara do Tribunal de Júri da Capital, a autoridade policial não trouxe “fundamentação quanto à concreta necessidade da prisão preventiva dos envolvidos”, *sendo assim*, negou o pedido. (...) ⁵

Começamos nossa análise abordando o fator de textualidade *situacionalidade*, que, no dado (1), é uma notícia, publicada em um site jornalístico, Midiamax, hospedado no UOL. Nesse fragmento, podemos identificar os quatro elementos principais do gênero textual notícia: *o que aconteceu* (a Justiça negou um pedido de prisão), *quando* (17 de janeiro), *onde* (na 1ª Vara do Tribunal de Juri da Capital), *por quê* (faltou fundamentação quanto à necessidade de prisão preventiva). Observamos, ainda, outro traço marcante desse gênero textual: a impessoalidade do enunciador, no caso o jornalista que redige a matéria, o qual mantém o máximo de distanciamento possível do fato que noticia. É nesse contexto de uso que emerge [sendo assim], introduzindo uma oração que aponta para um resultado. A despeito de constataremos a típica impessoalidade de uma notícia, o uso da microconstrução em estudo pode decorrer de motivações intrínsecas à subjetividade do enunciador, sendo a primeira delas a intenção e, talvez, a necessidade de finalizar a interação textual entre ele e o leitor em uma determinada parte do texto. Para melhor descrevermos tais motivações, consideramos as propriedades da forma (morfossintáticas) e do sentido (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais)

No polo da forma, [sendo assim] caracteriza-se morfossintaticamente como um conector, que liga D1⁶ – “De acordo com o juiz Carlos Alberto Garcete de Almeida, da 1ª Vara do Tribunal de Júri da Capital, a autoridade policial não trouxe ‘fundamentação quanto à concreta necessidade da prisão preventiva dos envolvidos’” – e D2 – “sendo assim, negou o pedido”. A articulação se dá em nível microestrutural, e, ao conectar essas duas orações, [sendo assim] promove uma retroação textual, que se dá em virtude dos traços gramaticais de seus componentes, a saber: a) “sendo” é um elemento de conexão entre orações (Lehmann, 1988), que ocorre quando a forma gerundiva não participa de perífrases verbais, podendo articular orações, períodos e parágrafos; e b) “assim” é uma unidade linguística que apresenta funções gramaticais próprias dos elementos conectores, mas ainda guarda traços dos seus usos como advérbio de modo, que é a anaforicidade, isto é, a possibilidade de se referir a uma informação na porção textual anterior, ou retomar até trechos mais extensos.

Já no polo do sentido, a propriedade semântica que se destaca em [sendo assim] é o valor de resultado. A esse respeito, evocamos novamente os ensinamentos de Sweetser (1990), para quem valor semântico é um só, no caso de resultado, enquanto pragmaticamente esse

⁴ Optamos por manter a indicação de mudança de parágrafo através do símbolo #, conforme consta nos excertos do *site corpus do português*.

⁵ Fonte: <http://www.midiamax.com.br/policia/familares-amigos-adolescente-morto-lava-jato-farao-protesto-forum-333251>.

⁶ As notações D1 e D2 referem-se respectivamente ao Discurso 1, compreendendo a porção que antecede o conector, e ao Discurso 2, abarcando a porção subsequente ao conector.

valor pode ser ambíguo, deslizando de consequência a conclusão. Embora não seja uma relação necessária, é comum que, no gênero notícia, encontremos o que Neves (2000, p. 804) chama de “causalidade efetiva entre conteúdos”, e é exatamente o que verificamos na articulação semântica promovida por [sendo assim] neste dado, visto que, em D2, encontra-se a consequência da causa apresentada em D1.

Como a microconstrução articula o relato de eventos do mundo real codificados em D1 e em D2, a propriedade pragmática que sobressai em [sendo assim], neste caso, alinha-se com o domínio do conteúdo: já que a autoridade policial não trouxe fundamentação quanto à concreta necessidade da prisão preventiva dos envolvidos (causa real), o juiz negou o pedido de prisão da dupla (consequência real). Por se tratar de um relato jornalístico, não por acaso a sequência tipológica das duas orações articuladas por [sendo assim] é narrativa, marcada linguisticamente por verbos no pretérito (“trouxe” e “negou”), que sequenciam iconicamente duas ações ordenadas cronologicamente no tempo.

Por sua vez, no que diz respeito à propriedade discursivo-funcional, a microconstrução, em face de sua função textual anafórica, ao recuperar as informações apresentadas anteriormente, faz com que estas se mantenham presentes na mente do leitor, de modo que, por meio de coesão sequencial, garante-se a manutenção temática. Outro aspecto importante que identificamos no dado (1) é a circularidade das informações fornecidas pelo jornalista, visto que este inicia o parágrafo com a sentença que aponta para uma consequência: “A Justiça negou no último dia 17 de janeiro, o pedido de prisão”; em seguida, apresenta a causa dessa consequência: “a autoridade policial não trouxe ‘fundamentação quanto à concreta necessidade da prisão preventiva dos envolvidos’”; por fim, sinteticamente retoma a consequência, introduzindo-a por [sendo assim]: “[o juiz] negou o pedido”. Possivelmente, essa circularidade discursiva se dê como estratégia de focalização: o jornalista introduz, por meio de um conector conclusivo, a informação que considera mais importante na notícia, com a qual abriu o parágrafo e com a qual o encerra. Outra possibilidade é a intenção dele de ratificar a decisão do juiz, dando ênfase à voz de uma autoridade, encerrando aquela questão. Como podemos ver, mesmo que, no dado (1), as relações sejam do domínio do conteúdo, não deixamos de capturar subjetividades do enunciador, que exercem pressão de uso sobre [sendo assim].

E, para demonstrarmos mais especificamente como fatores internos e externos à língua afetam o uso linguístico, passamos à análise do segundo dado:

- (2) São notórios os casos de programas de auditório que interrompem incessantemente seus quadros para anunciar um produto. Por meio da “fábrica de sonhos” do Projac, a Rede Globo lança os padrões de consumo a serem seguidos por milhões de telespectadores. (...) Diante desse contexto, também não é por acaso que a chamada “nova classe média”, procura no consumismo exacerbado, e não no completo exercício da cidadania, a melhor maneira de legitimar sua ascensão social. (...) # A influência dos anunciantes também se estende ao setor jornalístico, pois notícias que possam

desagradar grandes conglomeradas, como a devastação ambiental causada por algumas empresas, jamais serão colocadas no ar. *Sendo assim*, é imprescindível acabar com o vergonhoso oligopólio midiático que impera no Brasil. (...) ⁷

Muito embora [sendo assim] seja um pareamento forma-sentido, isso não significa que as propriedades morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais tenham sempre as mesmas descrições. Os diferentes padrões que temos encontrado para a microconstrução são forjados em diferentes contextos situacionais e linguísticos. Em (2), o fragmento exemplificado foi retirado de um artigo de opinião, publicado no Observatório da Imprensa, veículo jornalístico reconhecido por ser focado na crítica da mídia. O artigo de opinião é um gênero textual de teor argumentativo, normalmente assinado, e se caracteriza pela apresentação do ponto de vista do articulista a respeito de um determinado tema. Essa breve exposição sobre o contexto situacional já indica que, neste dado, a microconstrução [sendo assim] tem motivações de uso distintas das que vimos no dado (1), quando analisamos uma notícia.

No que diz respeito ao plano da forma, mais uma vez reconhecemos [sendo assim] como um conector, cujos componentes têm os mesmos traços gramaticais que vimos anteriormente, e tudo indica que as semelhanças terminam aqui. No dado (2), por exemplo, o nível de articulação é entre dois períodos.

No entanto, ainda que a articulação se dê no nível intermediário, quando passamos a analisar [sendo assim] no plano do sentido, observamos que, quanto à propriedade discursivo-funcional, o escopo da microconstrução ultrapassa D1. O resultado introduzido pelo conector recupera e sintetiza, por meio de coesão lexical, informações que também estão veiculadas no parágrafo anterior, ou seja, em D2, “o vergonhoso oligopólio midiático” refere-se a “programas de auditório”, “fábrica de sonhos”, “Projac”, “Rede Globo”, “setor jornalístico”, “grandes conglomerados” e “empresas”. Trata-se de uma cadeia referencial construída pelo enunciador, formada por uma sequência de expressões nominais, com o objetivo de orientar argumentativamente o leitor. Desse modo, [sendo assim] emerge em um contexto de grande intersubjetividade, que o leva a assumir valores menos factuais e mais abstratos.

No que diz respeito à propriedade pragmática, verificamos que, diferentemente do que identificamos no dado (1), em (2) a microconstrução foi empregada em um contexto de alto teor opinativo, com predomínio da tipologia argumentativa. O autor do artigo de opinião faz questão de marcar seu posicionamento e introduz sua conclusão, em D2, por meio de [sendo assim] seguido de uma expressão deôntica: “é imprescindível”. Além disso, dando continuidade ao seu objetivo de afetar o leitor, faz seleções linguísticas que veiculam juízo de valor, como “notório”, “consumismo exacerbado”, “desagradar”, “devastação ambiental”, “vergonhoso”. Desse modo,

⁷ Fonte: http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ed830_reflexoes_sobre_o_consumismo/.

identificamos que, nesse novo contexto, [sendo assim] é uma microconstrução do domínio epistêmico, em que se veiculam o conhecimento, o julgamento e até mesmo a crença do enunciador, somados a uma forte intenção de ganhar a adesão do leitor. Em suma, o fator situacionalidade pressiona o uso de [sendo assim] em contexto linguístico marcado pela apresentação de um ponto de vista e de argumentos codificados em tipologias argumentativas, o que é próprio do gênero textual artigo de opinião.

Com a análise de [sendo assim] em dois contextos situacionais e linguísticos distintos, verificamos que, na conexão entre predicções, é possível encontrarmos a microconstrução veiculando consequência, ou seja, situando-se no domínio do conteúdo, ao passo que, na conexão entre proposições, podemos observá-la articulando fatos possíveis, mais abstratos, isto é, operando no domínio epistêmico. Confirmamos, portanto, que [sendo assim] é um típico articulador lógico-semântico, conforme postula Neves (2000). Além disso, esse deslizamento funcional pode indicar que a microconstrução opera tanto na microsyntaxe, quando articula orações no nível microestrutural, quanto na macrosyntaxe, quando articula períodos ou parágrafos, no nível intermediário.

2.[fora que] – articulador discursivo-argumentativo como operador argumentativo de adição

Nesta subseção, optamos por analisar dois dados representativos de [fora que] em gêneros textuais distintos e encadeando, dentro do nível intermediário, período e parágrafo. Esse tipo de encadeamento é recorrente nos operadores argumentativos (OA) do tipo articulador discursivo-argumentativo (Koch e Elias, 2016), que se define como um articulador que relaciona dois ou mais enunciados distintos, sendo cada um resultante de um ato de fala particular. É, portanto, uma unidade linguística com alto grau de integração, inserindo informação nova, a qual serve para orientar o discurso, auxiliando na progressão textual. Mais especificamente, postulamos que [fora que] enfatiza o argumento final de uma escala, adicionando-o como último recurso de convencimento. Essa estratégia se baseia, sobretudo, no traço de sentido da forma adverbial [fora] que indica “na parte exterior”, “no lado externo de”, “não abrangido por”. Dado esse sentido de [fora], consideramos que a introdução desse argumento encadeado por meio de [fora que] gera um efeito de sentido de imprescindibilidade na medida em que traz para “dentro” do discurso uma informação que estava “fora” e que, devido à sua relevância, deveria estar dentro desse conjunto de informações importantes. Esse efeito de sentido, por sua vez, ajuda a manter o relevo atencional, perspectivizando a informação.

Em função das limitações de espaço do artigo e de nosso objetivo de atestar o padrão de uso do OA [fora que], optamos por proceder a uma análise mais detalhada em (3), levando em conta os pressupostos teórico-metodológicos em que nos baseamos, além de outros fatores de análise pertinentes. No exemplo (4), a proposta é focar na análise a partir da estruturação do trecho que dá conta da estratégia de coesão sequencial articulada por [fora que]. Dessa forma,

esperamos tornar o texto mais objetivo na medida em que as caracterizações de forma e sentido da microconstrução já estão delineadas em (3). Nossa intenção com as análises é demonstrar que [fora que] é um novo *type* na rede construcional [X que]_{CTD} que congrega OA de macrofunções distintas que se distribuem a partir da subparte X.

Importante destacar que o corpus de [fora que] para este trabalho se ateve à amostra Now do Corpus do Português cuja fonte são textos do domínio jornalístico. No âmbito desse domínio, estamos nos concentrando em textos cuja opinião mais direta se atém a gêneros textuais abertamente opinativos, como o comentário do leitor e a coluna, em função de terem sido esses gêneros os mais representativos na amostra. Vejamos os exemplos.

- (3) Isso pra mim é sensacionalismo, primeiro porque o conceito de prejuízo é comprar por 1.000,00 e vender por 950,00, mas foi justamente o contrário, compramos por um valor infinitamente menor do que pagamos. Portanto, não tem prejuízo nenhum, apenas estamos deixando de ganhar. *Fora que* é preciso entender que nunca os valores negociados lá serão comparáveis com valores daqui.⁸

No trecho, o autor do comentário, gênero textual tipicamente argumentativo, considera que a notícia do site *Meu timão* é sensacionalista e vai estruturar sua argumentação inicialmente através de uma explicação “porque o conceito de prejuízo é comprar por 1.000,00 e vender por 950,00” e contraste “mas foi justamente o contrário ...”. Depois desse trecho inicial, conclui, “portanto, não tem prejuízo nenhum, apenas estamos deixando de ganhar” para, então, adicionar mais um argumento, o derradeiro, introduzido por [fora que]. Estamos considerando todo esse trecho destacado como D1 que se transforma em tema – o fato de deixar de ganhar não ser prejuízo – da informação nova que vai ser introduzida por [fora que]. Destacamos todo o trecho, tendo em vista que essa série de argumentos vai ser coroada por um argumento, em D2, que não poderia ficar de fora: “[fora que] é preciso entender que nunca os valores negociados lá serão compatíveis com valores daqui”. Assim, D2 é a orientação argumentativa que vai adicionar um caráter incontestável ao fato de “não se poder pensar em prejuízo”.

Analisamos a estruturação dessa argumentação a partir da perspectiva da intencionalidade desse autor, pois, da maneira como o trecho foi estruturado, a ênfase gerada mantém o relevo atencional que foi iniciado com o recrutamento do OA [fora que]. Por conta disso, estamos entendendo que tal argumento é o mais alto/forte em uma escala que se inicia em D1. Ademais, a coesão sequencial compreende um movimento retropropulsor já que focaliza o tema anteposto ao OA e perspectiviza a opinião do autor na porção subsequente, promovendo a progressão textual.

⁸ Fonte: <https://www.meutimao.com.br/noticias-do-corinthians/316518/corinthians-nao-tem-mais-parte-de-felipe-e-pode-ter-prejuizo-com-possivel-venda-do-porto>.

Em termos da dimensão da forma, [fora que] é uma microconstrução consolidada que é acessada como um *chunk*, pois não pode existir qualquer elemento entre [fora] e [que]. No que se refere às propriedades sintáticas, não há possibilidade de o elemento [que] variar de posição com a forma adverbial [fora], bem como a forma adverbial [fora] não tem mobilidade e não se liga a verbo, adjetivo ou advérbio. O elemento [que] funciona como um clítico, integrando-se à forma adverbial; [fora que] se posiciona no início de um período, posição típica de conectores. Atua no estabelecimento da coesão, da orientação argumentativa e coerência do texto, neste caso, no nível intermediário, em que assinala o encadeamento entre períodos como elemento procedural da macrossintaxe. Em termos de propriedade morfofonológica, a forma [que] funciona como uma forma presa, compondo esse *chunk*.

Em termos da dimensão do sentido, destacamos que a propriedade semântica pode ser observada em relação ao traço de sentido de “na parte exterior”, “no lado externo de”, “não abrangido por” da forma adverbial [fora] que se transfere metaforicamente para a atuação de adição de um argumento que precisa compor a defesa do ponto de vista do autor, por isso acrescenta um grau mais elevado na escala de argumentação, indicando que o argumento adicionado é o mais forte ou relevante em relação aos anteriores. O elemento “que” transfere metaforicamente o traço de integração ao discurso que o sucede, indicando uma relação de conexão e integração entre as ideias. O *chunk* de forma também se dá no sentido em função do nível de integração máximo, já que [fora que] é acessado holisticamente e compreendido como um elemento de coesão sequencial.

Em relação à propriedade pragmática, observamos que [fora que] está envolvido em um contexto argumentativo em que há argumentos que se somam para contribuir com a persuasão do interlocutor, como pode ser observado em “Isso pra mim é sensacionalismo, primeiro porque o conceito de prejuízo é comprar por 1.000, 00 e vender por 950,00, mas foi justamente o contrário, compramos por um valor infinitamente menor do que pagamos. Portanto, não tem prejuízo nenhum, apenas estamos deixando de ganhar”. Nesse trecho, o autor já inicia com o substantivo “sensacionalismo”, retratando a própria opinião acerca do teor da informação criticada, como se essa informação fosse apenas um elemento para chocar a opinião pública, sem que houvesse qualquer preocupação com a veracidade dela. Assim, entendemos que o trecho já se inicia com bastante contundência e, na sequência, o autor vai adicionando argumentos estruturados a partir de relações sintático-semânticas distintas: uma explicação com o elemento “porque”, um contraste com “mas” e uma conclusão com “portanto” que vão escalar o nível da argumentação. Logo, a focalização/perspectivação do conteúdo mais relevante que o OA introduz também auxilia na manutenção do foco e na progressão do texto. No caso específico de (3), [fora que] introduz um argumento bastante enfático, uma vez que é colocado logo após uma conclusão em que, a princípio, já teria fechado a série de críticas que vinham sendo colocadas em D1.

Ainda em relação à propriedade pragmática, consideramos que a subjetividade fica marcada pela estruturação do texto, fator intencionalidade, tanto na seleção das informações anteriores quanto na argumentação introduzida pelo conector. Já a intersubjetividade está ligada à projeção do ponto de vista estabelecido, fator aceitabilidade, calculada a partir do interlocutor alvo. Nesse sentido, o autor sabe que está comentando uma notícia publicada em um site do timão e que os comentários são lidos por torcedores apaixonados, nem sempre racionais e imparciais, essa é a situacionalidade. O domínio articulado em D2 é o epistêmico (Sweetser, 1990) com o argumento fundamentado no próprio conhecimento do autor, já que tece considerações sobre o motivo de os valores em euros não poderem ser comparados, seja por conta da disparidade com o real, seja por conta do contexto dos dois países: “[Fora que] é preciso entender que nunca os valores negociados lá serão comparáveis com valores daqui”.

Tratando especificamente da propriedade da função discursiva, [fora que] é um operador argumentativo: unidade linguística que congrega a função de encadeador do discurso e introdutor de orientação argumentativa. Ratificamos sua atuação como articulador discursivo-argumentativo que determina relações entre dois ou mais enunciados distintos. O conector introduz mais um argumento que funciona como o derradeiro, aquele que não deixa dúvidas, em direção a uma mesma conclusão.

Após a discussão de (3), ainda com o intuito de examinarmos a estratégia de coesão sequencial de [fora que] e a manobra de persuasão que o OA imprime no texto, passamos a análise de mais um dado do *corpus* montado a partir do site corpusdoportugues.org/now.

- (4) Sua aparência desleixada pode render ainda uma bela transformação, de patinho feio a Cinderela. Em resumo, a empregada tem tudo para seguir na trilha da sofrência que qualquer mocinha de telenovela precisa percorrer. # Ok, mas não existe mocinha sem romance... E é justamente aí que o elenco robusto de O Sétimo Guardião dá a Aguinaldo Silva a possibilidade de promover uma verdadeira dança de pares em sua história. Não seria impossível unir a empregada a León. Eduardo Moscovis é outro ator que tem potencial de protagonista e as idades dos dois batem para que vivam um amor de folhetim crível. # *Fora que* deixar tanto Marina Ruy Barbosa quanto Bruno Gagliasso em banho-maria, apenas como o casal jovem da história, faria bem também à dupla, que não empolga tanto no posto principal do folhetim, e não comprometeria a trama.⁹

O dado (4) é uma coluna cujo título é “Notícias da TV”, publicada no site www.uol.com.br. Com a baixa audiência da novela “O sétimo guardião”, de Aguinaldo Silva, o colunista Raphael Scire discute sobre a possibilidade de mudar o casal protagonista para evitar uma crise maior na audiência da novela, já que ele acredita que Marina Ruy Barbosa tem sido uma mocinha pouco empolgante e Isabela Garcia possui características que permitiria à novela uma reviravolta impactante. Nesse sentido, no contexto situacional, há um jornalista que escreve para uma

⁹Fonte: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/para-evitar-crise-e-se-isabela-garcia-virasse-mocinha-de-o-setimo-guardiao-24046>.

determinada coluna cujos leitores buscam se informar não só do conteúdo dos capítulos da novela mas também da opinião do colunista. A intencionalidade do autor, portanto, reside na manutenção dos seus leitores e, com isso, irá estruturar seu texto de forma a buscar essa adesão, levando em conta a aceitabilidade desse leitor.

Nesse dado, observamos a estratégia de coesão sequencial a partir da seguinte estruturação: em D1, o autor inicia o movimento argumentativo com uma estrutura de contraste como pode ser observada no trecho: “Ok, mas não existe mocinha sem romance...” para, em seguida, utilizar-se de uma sequência de termos com os quais vai potencializar a argumentação: “E é justamente aí”. A conjunção “e” marca o início do segundo período que tem o “justamente”, advérbio que atua como um focalizador, intensificando o conteúdo e mantendo o relevo atencional que o “aí” remete: “o romance da mocinha”.

Além disso, a manobra de persuasão recorre a uma seleção lexical que promove uma escalada no grau de argumentatividade por meio de elementos como: “robusto”, “não seria impossível”, “potencial protagonista” e “amor de folhetim crível”. É possível perceber que a escolha dos adjetivos, quanto à subjetividade, está ligada à perspectiva do autor, fator intencionalidade. Dessa maneira, “robusto” é usado para se referir ao elenco, caracterizando a capacidade que este tem de se adaptar a futuras mudanças; “Não seria impossível” reafirma a possibilidade de trocar o casal protagonista, justificando também o uso do “robusto” anteriormente; com “potencial de protagonista”, mais uma vez o autor seleciona um adjetivo “potencial” que atribui argumentatividade para convencer o interlocutor da sua sugestão diante da troca dos atores; em “amor de folhetim crível”, o adjetivo “crível” fomenta a crítica do autor quanto ao casal atual (Marina e Bruno), que não entrega um romance convincente.

Nessa perspectiva, a crítica do autor é fortalecida pelo argumento que será encabeçado por [fora que] em D2: “Fora que deixar tanto Marina Ruy Barbosa quanto Bruno Gagliasso em banho-maria, apenas como o casal jovem da história, faria bem também à dupla, que não empolga tanto no posto principal do folhetim, e não comprometeria a trama.” Esse argumento promove um encadeamento por meio da retropropulsão entre o enunciado anterior (D1, transformado em tema: um folhetim precisa ter um romance crível), ao novo enunciado (D2) que introduz a orientação argumentativa de adição com [fora que], acrescentando uma perspectiva relevante para fortalecer sua crítica e chegar a uma mesma conclusão: alterar o casal protagonista da novela. A estrutura de contraste e a seleção e combinação dos elementos que destacamos em D1 compõem a escala de argumentos estruturada pelo jornalista. Destacamos que o encadeamento é operado por meio do domínio epistêmico, uma vez que a argumentação do autor se baseia em seu ponto de vista acerca da atuação nada empolgante de Marina e Bruno.

Ademais, neste exemplo, observamos que a articulação promovida por [fora que] é realizada no nível intermediário, porém, desta vez, conectando parágrafos. O destaque fica por

conta da composição de um parágrafo apenas com D2, o que, para nossa análise, isola ainda mais o último argumento, sobrelevando sua importância.

Com esses exemplos, esperamos ter demonstrado como se realiza a coesão sequencial articulada por um conector textual-discursivo que atua na articulação discursivo-argumentativa. Nossa intenção é demonstrar como esses conectores do tipo operador argumentativo configuram-se como expedientes importantes da macrossintaxe na estruturação de textos de cunho opinativo, recrutados quando o projeto de texto do autor tenha a clara intenção de persuadir e envolver o interlocutor a fim de levá-lo a aderir ao seu ponto de vista.

3.[(es)pera aí] – articulador de organização textual como marcador discursivo

Nesta subseção, por meio de uma análise qualitativa da amostra Now do Corpus do Português, cuja fonte pertence ao domínio jornalístico, tratamos de [(es)pera aí], microconstrução que exerce o papel de Marcador Discursivo (MD) nas interações cotidianas da presente sincronia. De forma geral, os MD são conceituados como unidades linguísticas independentes que atuam na articulação e no gerenciamento dos processos de construção textual do ato comunicativo e aos quais se atribui uma categoria discursivo-pragmática, isto é, situam-se no ramo da Linguística que estuda a linguagem no contexto de uso. Através dos marcadores, a instância da enunciação está presente no enunciado; simultaneamente, revelam-se aspectos que determinam sua relação com a estrutura textual-interativa.

De acordo com Risso *et al* (2015), [(es)pera aí] pode ser descrito como marcador interacional, já que tem a função principal de orientar a interação, atuando não só nas relações interpessoais, em que demonstra o envolvimento entre falante e ouvinte, mas também nas manifestações pessoais, “quando, por exemplo, o falante verbaliza avaliações subjetivas a propósito das significações proposicionais, envolvendo-se, pois, com o conteúdo, ou compromete, retoricamente, seu interlocutor.” (Urbano, 2015, p.454)

Como marcador discursivo, [(es)pera aí] pode ser compreendido como um articulador de organização textual (Koch e Elias, 2016), pois atua em contextos de intermediação (exemplos 5 e 7), abertura (exemplo 6) ou finalização do turno (exemplo 8), de um tópico discursivo¹⁰, orientando a interpretação. Assim, diferentemente de seu uso original e composicional “espera” + “aí” – em que solicita ao interlocutor que aguarde onde ele já está, como vemos em: “Quando João estava saindo, Maria gritou: ‘Você *espera aí*, João!’ –, o MD [(es)pera aí] é um novo type na rede construcional [X ADV]_{MD}, um novo pareamento forma-sentido (Croft, 2001), pois conta

¹⁰ Urbano (1999) considera que o turno seja formado por uma ou mais frases orais ditas por um falante, e que um novo turno se inicia quando um novo interlocutor começa a falar. Assim, a conversação, desenvolvida por meio da troca de turnos entre pelo menos duas pessoas, segundo Jubran (2015), é uma construção colaborativa em que se depreende uma unidade de análise não restrita ao turno individualmente, e sim, a segmentos discursivos mais amplos, centrados em um tópico discursivo proeminente, um ponto central da conversa, um assunto sobre o qual se deve falar.

tanto com propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas – constituintes do polo da forma – quanto semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais – integrantes do polo do sentido – específicas desse padrão construcional. Cabe destacar novamente que, por estarmos lidando com esses *corpora* em nossos três objetos, nosso foco é em textos de cunho mais opinativo, como o dado (5) a seguir:

- (5) Ahhhhhh parece que sou eu voltando a ter aquela pureza de sentimento, aquela emoção das primeiras surpresas e entendendo que ser criança é muito bom. Ter criança por perto é tão bom quanto ser... (pelo menos, é isso que me resta né kkkkk com meus 31). *Peraí!* Será que estou ficando emotiva por causa do domingo que está vindo [Dia das Mães]!!! Vocês também??? Quem AMA ser mãe???", finalizou Letícia.¹¹

Nas propriedades da forma, no âmbito *morfossintático*, vemos que [(es)pera aí] forma um *chunk* (Bybee, 2010), ocasionando a perda de algumas características do verbo e do pronome adverbial locativo dêitico previstas nas gramáticas: [espera] para de selecionar argumento e se cristaliza no imperativo afirmativo, tendo como complemento o [aí]; já [aí] perde sua mobilidade posicional e, como clítico neste *chunk*, fica preso à forma verbal [espera]. A micro [(es)pera aí] geralmente ocupa *posição inicial na frase oral* - esta, conforme Urbano (2015), compreendida como uma unidade teórica comunicativa, entonacionalmente delimitada e segmentada - e *posição medial no turno*, surgindo logo após o falante iniciar o seu momento de fala na comunicação, como no dado (5) anterior. Temos, assim, no âmbito textual-discursivo, um conector em sentido lato, o qual atua, segundo Koch e Elias (2016), de forma geral, no nível intermediário, articulando períodos e promovendo a coesão, já que [(es)pera aí] encabeça, atribuindo a focalização necessária, um enunciado que se relaciona ao anterior. Assim, em (5), [peraí] retoma D1 – “Ter criança por perto é tão bom quanto ser...” – para, de forma injuntiva, dirigir-se, em D2, ao interlocutor – “Peraí! Será que estou ficando emotiva por causa do domingo que está vindo [Dia das Mães]!!! Vocês também??? Quem AMA ser mãe???” Vemos, assim, que [(es)pera aí] atua de forma retroativo-propulsora (Tavares, 2003), de maneira que “direciona para frente, para a continuação do discurso, evidenciando que o que foi dito anteriormente é uma fonte de informações para o que será dito depois” (Tavares, 2003, p. 39).

Fonologicamente, destacamos que o bloco [(es)pera aí] é evidenciado pelos falantes ao pronunciarem-no como um único vocábulo fonológico, já que passa por uma erosão fonética (*espera aí > pera aí > peraí*), com particularidades de entonação e ritmo, como o acento tônico recaído no *í*.

Em relação às propriedades do sentido, observamos que, *semanticamente*, há um esvaziamento no sentido concreto de ficar parado em um lugar, mas compensado pelo ganho

¹¹ Fonte: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2018/05/gravida-leticia-santiago-mostra-barriga-minima-de-biquini.html>.

de sentidos adicionais em seu papel de MD, como (i) expor as avaliações do enunciador sobre determinada declaração já realizada por ele – exemplo (5) – e (ii) solicitar calma ao interlocutor para ouvir o que o enunciador tem a esclarecer, como em (6) a seguir:

- (6) “A prima de João, colocará mais lenha na fogueira, já que ela gosta do casal Patotinha Mágica. “Eu amei! E ainda salvou a Manu! Achei tão romântico!”, cravará a prima de João, deixando todos do recinto, completamente sem graça. Mas o radialista, tentará se livrar da saia justa com Moana. “*Peraí, Moana...* A Clarissa falou isso, porque...”, acrescentará o jovem, que será cortado por Moana. # “Não tô chateada por causa da Clarissa. Tô chateada porque você fica tão descompensado com essa garota que é capaz de arriscar sua própria vida”, finalizará Moana, nitidamente decepcionada com João Guerreiro.¹²

É notório que esses sentidos da microconstrução marcadora discursiva [(es)pera aí] advêm da semântica do verbo [espera] em seu valor refreador, e do locativo [aí], um advérbio pronominal dêitico que aponta para um lugar próximo ao ouvinte. Assim, ao usar o MD [(es)pera aí], o falante lança para o ouvinte uma atitude refreadora, como se o solicitasse a parar por um instante onde está, que não é tão próximo a esse falante, para ouvir suas ponderações. Desse modo, os falantes fazem uso do marcador [(es)pera aí] por compreender que ele fornece coerência ao texto, já que estabelece o sentido que se intenciona na comunicação.

Já nas propriedades *pragmáticas*, [(es)pera aí] apresenta-se como uma microconstrução (inter)subjativa, isto é, com maior envolvimento dos interlocutores; logo, atua em contextos de interrupção da fala do outro, também como estratégia de manter o turno de fala ou, além disso, de focalizar com um tom mais incisivo o assunto abordado. Desse modo, vemos que, de um lado, há a intenção subjetiva do falante de se fazer compreender pelo ouvinte, de convencê-lo de suas ideias e opiniões, seja interrompendo seu turno, seja falando em um tom mais enfático; de outro, há a cooperação do interlocutor, mostrando, de forma intersubjetiva, que está atento às declarações do falante e pronto para colaborar com a interação, trazendo, também, o seu ponto de vista. Notamos, então, os princípios de intencionalidade e aceitabilidade atuando nos contextos pragmáticos com [(es)pera aí], como em (6), em que Clarissa declara algo que acaba entristecendo Moana, e João Guerreiro, com [pera aí], volta-se à Moana de forma mais expressiva para lhe pedir calma porque ele tem uma explicação para a fala de Clarissa. Moana escuta João e lhe conta o real motivo de sua tristeza.

Em relação às propriedades *discursivo-funcionais*, notamos uma ocorrência de [(es)pera aí] em textos orais e escritos de maior informalidade. Os marcadores discursivos, de forma geral, não são bem aceitos em usos mais formais da língua; segundo Freitag (2007), são rotulados, por alguns autores, como “vícios de linguagem” não previstos nas gramáticas normativas; logo,

¹² Fonte: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/verao-90-apos-joao-salvar-a-vida-de-manu-moana-fica-com-ciumes-do-namorado>.

é de se esperar que o ambiente propício para [(es)pera aí] seja esse. Os textos escritos com [(es)pera aí] são, na verdade, a passagem para a escrita de algo já produzido oralmente em um contexto de interação mais relaxado, em que os interlocutores se encontravam à vontade com o discurso a ser produzido, como vimos nos exemplos anteriores e em (7) a seguir:

(7) Eu medito há um ano. Me sinto cansada semanalmente. O volume de trabalho é muito grande. Mas, *peraí!* Sou uma só. A gente não pode gastar tempo e energia com o que não vale a pena. É uma coisa que venho aprendendo com a maturidade. Aos 20 anos, eu estava ali, no auge dessa energia, mas com 40 não.¹³

Em nossos dados, em um total de 80 *tokens* analisados, 65 são usos como marcador discursivo e 33 emergem em sequências argumentativas como em (7). Notamos que, quando os interlocutores estão construindo um texto opinativo com [(es)pera aí], o encadeamento acontece por meio do domínio epistêmico (Sweetser, 1990), com o argumento pautado no próprio conhecimento do falante, do seu ponto de vista, como no exemplo anterior, em que a atriz Giovanna Antonelli opina que não se pode “gastar tempo e energia com o que não vale a pena” com base no que vem “aprendendo com a maturidade”. Desse modo, é possível concluir que, com [(es)pera aí], o falante consegue focalizar seu ponto de vista sobre a temática abordada, o qual virá em seguida; ou então, em determinados contextos de declarações divergentes, os ânimos podem se exaltar e é preciso, com [(es)pera aí], de forma incisiva, pedir calma ao interlocutor para que a comunicação nesse contexto argumentativo continue fluindo da melhor forma.

Ademais, vemos nos exemplos de [(es)pera aí] como se relacionam a situacionalidade e a informatividade às propriedades discursivo-funcionais. Sabemos que a situação de interlocução pauta a seleção das informações mais relevantes para que o texto atinja seu objetivo, e todo texto tem como objetivo trazer uma informação, levando em consideração, por exemplo, o grau de formalidade, as escolhas lexicais, a estruturação do discurso, o gênero discursivo. Em (7), por meio de um texto mais informal, a atriz Giovanna Antonelli opina sobre as escolhas que vem fazendo aos 40 anos em termos de qualidade de vida, e a meditação é uma delas. Trata-se de um trecho de uma entrevista com a atriz, na seção “TV e Lazer” do jornal Extra. Conforme exposto, [(es)pera aí] tem um sentido refreador e, por isso, quem faz uso desse marcador tem algum grau de intimidade ou alguma relação de autoridade com o interlocutor, como é o caso desse último exemplo. A atriz tem lugar de fala nessa seção de jornal, dirigindo-se ao seu público, que é justamente o público dessa seção de jornal. Vemos que Giovanna faz algumas declarações sobre o cansaço de seu trabalho e a meditação, e com [peraí] ela se dirige

¹³ Fonte: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/mae-de-tres-giovanna-antonelli-planeja-diminuir-ritmo-nao-vi-pietro-andar-pela-primeira-vez-22676380.html>.

enfaticamente ao seu interlocutor para trazer o ponto alto de sua argumentação, as informações que julga ser relevantes para seu público.

Buscamos mostrar, nesta subseção, a atuação da microconstrução marcadora discursiva [(es)pera aí] como um articulador de organização textual, pois opera, de forma interacional e orientando a interpretação, em contextos de abertura, intermediação ou finalização do turno de um tópico discursivo. Neste último caso, temos o exemplo (8) a seguir:

(8) Eu sempre fui acessível. Os outros é que me acham o difícil. Ainda hoje acontecem coisas que me deixam pasmado;; Eu sou um ser humano, *pera aí*, hein...;;, ressalta.¹⁴

Em (8), o articulador de organização textual [(es)pera aí], em seu sentido refreador direcionado ao ouvinte, atua na finalização do turno e do tópico, também assinalando um posicionamento do falante em uma sequência argumentativa, como é peculiar a este marcador discursivo.

Após apresentadas e discutidas as análises das microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] em suas funções como articuladores textuais, passamos às nossas últimas ponderações.

Considerações finais

Neste artigo, descrevemos os padrões de uso das microconstruções [sendo assim], [fora que] e [(es)pera aí] em seus usos como articuladores de relações lógico-semânticas, discursivo-argumentativas e de organização textual respectivamente. Entendemos que conjugar princípios da LFCU, especialmente no que diz respeito às propriedades da forma e do sentido, e da Linguística Textual, considerando as noções de conexão e articulação de textos, bem como de gêneros e tipos textuais, podemos fazer análises mais situadas e, por isso, mais refinadas.

As análises das três microconstruções sob essa perspectiva indicam que conexão deve ser entendida não só em sentido estrito mas também em sentido lato. No caso de [sendo assim] a articulação que promove se dá no nível sintático e macrossintático, tendo em vista que articula orações, períodos e parágrafos; [fora que] estabelece conexão no nível macrossintático, já que articula períodos intra e interparágrafos; por sua vez, [(es)pera aí] promove conexão em sentido lato, sendo encontrado em estruturas sintáticas menos rígidas, articulando, na reprodução escrita da fala, na escrita distensa ou com menor grau de formalidade, períodos, atuando no nível intermediário, portanto.

Quanto às funções semânticas e pragmático-discursivas, [sendo assim] apresenta valor de resultado em usos gradientes, que vão da consequência à conclusão; além disso, recupera

¹⁴ Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-arte/2018/09/11/interna_diversao_arte.705083/critico-de-cinema-bernardet-tem-a-trajetoria-revista-em-filme.shtml.

anaforicamente informações anteriores, contribuindo para a manutenção temática. Já [fora que] destaca-se como um operador argumentativo que, em uma escala de argumentos, adiciona aquele considerado o mais forte; tem função retropropulsora, promovendo continuidade e progressão textual. Por fim, [(es)pera aí] é um marcador discursivo interacional que, em uma atitude refreadora, remete à declaração anterior para dirigir-se ao interlocutor, expressando manifestações interpessoais ou até pessoais. As três microconstruções estão presentes em contextos com maior ou menor grau de (inter)subjetividade; portanto, com base em nossas análises, podemos postular usos gradientes entre elas: [sendo assim], quando articula predicções, no domínio do conteúdo, é a que apresenta menor grau de subjetividade; no entanto, quando conecta proposições, investe-se de forte subjetividade ou até mesmo intersubjetividade; [fora que], como recurso de focalização, introduz a escala mais alta de uma sequência de argumentos, sendo, na maioria das vezes, intersubjetiva; [(es)pera aí], por ser, das três, a que tem maior função interacional, mostra-se como a mais intersubjetiva de todas.

Ao finalizarmos este artigo, consideramos ter demonstrado alguns dos principais padrões funcionais de três microconstruções que atuam como elementos procedurais da gramática em seus contextos reais de uso.

Referências

BEAUGRANDE, R. A. de.; DRESSLER, W. **Einführung in die Textlinguistik**. Tübingen: Niemeyer, 1981.

BYBEE J. L. Chunking and degrees of autonomy. In: **Language, Usage, and Cognition**. Cambridge, UK: CUP, 2010.

CORPUS DO PORTUGUÊS. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>.

CROFT, W. Radical Construction Grammar. **Syntactic Theory in Typological Perspective**. New York: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. Grammaticalization and pragmaticalization. In: NARROG, H. ; HEINE, B. (eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Nova York: Oxford University Press, 2011. p. 450-461.

FREITAG, R. M. K. Marcadores Discursivos não são vícios de Linguagem. **Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura**, v. 4, n. 4, p. 22-43, 2007.

JUBRAN, C. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN-SPINARDI, C. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil** – A construção do texto falado; vol. 1. São Paulo: Contexto, 2015. p. 392–452.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdã: Johns Benjamins, 1988. p.181-225.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo, Editora Unesp, 2000.

NEVES, M. H. de M. **A Gramática do Português revelada em textos**. São Paulo, Editora Unesp, 2018.

RISSO, M. S. *et al.* Marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção do texto falado. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2015. p. 371-481.

ROSÁRIO, I. da C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. **Soletras**, v. 37, p. 83-102, 2019. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/36318>.

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics**: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. New York: Cambridge University Press, 1990.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de 'e', 'ai', 'daí' e 'então': estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações - um estudo sociofuncionalista**. 2003. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2003.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and intersubjectification: a reassessment. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 29-71.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they intersect? In: TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. (eds.). **Gradience, Gradualness and Grammaticalization**. Typological Studies in Language; n. 90. John Benjamins, 2010.

TRAUGOTT, E. C. ; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Change**. Oxford University Press: Oxford, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. M. (org.) **Gramática do português falado: Novos estudos**. v. VII. Campinas: Editora da UNICAMP/Humanitas/ FAPESP, 1999. p. 77-130.

URBANO, H. Aspectos Basicamente Interacionais dos Marcadores Discursivos. In: NEVES, M. H. (org.). **Gramática do Português Falado**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da UNICAMP, v. 7: Novos Estudos, 1999. p. 195–258.

URBANO, H. Marcadores Discursivos Basicamente Interacionais. In: JUBRAN-SPINARDI, C. (org.). **Gramática do Português Culto falado no Brasil - A construção do texto falado**. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2015. p. 453-481.

Sobre as autoras

Milena Torres de Aguiar

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9072-4093>

Graduada em Letras Português/Inglês pela UERJ/FFP; mestra e doutora em Estudos da Linguagem pela UFF. Atualmente é professora adjunta de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da UERJ/FFP.

Ana Cláudia Machado dos Santos

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4739-5172>

Graduada em Letras (Português e Literaturas) pela UVA. Mestre em Língua Portuguesa pela UFF (2010). Doutora em Estudos de Linguagem, ênfase em Linguística, pela Universidade Federal Fluminense (UFF - 2015). Tem pós-doutorado em Educação Linguística pela UFF (2023). Atualmente é Professora Adjunta IIIC de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFF.

Ana Beatriz Arena

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5284-553X>

Graduada em Letras (Português-Inglês e respectivas literaturas) pela UFRJ. É mestre e doutora em Estudos de Linguagem pela UFF. Atualmente, é professora adjunta de Língua Portuguesa da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Na mesma instituição, é docente permanente do Mestrado Profissional PROFLETRAS.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.